

ENTREVISTA


Rebecca Hiromi Teoi

Rebecca: da Engenharia Poli à Alemanha, Austrália, China e Chile.

Rebecca Hiromi Teoi entrou na Poli em 2008, onde se formou em Engenharia Química. Fez intercâmbio na Alemanha, trabalhou na Austrália e na China pela empresa Mckinsey e hoje, temporariamente, está no Chile, de onde irá para um MBA no exterior. Aqui ela relata suas atividades acadêmicas e profissionais. Sobre a carreira que escolheu, diz que está bastante satisfeita. “Fiz essa escolha como forma de ampliar meus horizontes e foi o que aconteceu”.

JC – O que levou você a escolher o Etapa?

Rebecca – Foi um conjunto de fatores. Eu acho a cultura do Etapa muito forte, ela traz mais ao aluno. Com prova todo dia, incentiva a vontade de estudar. Aqui você cria o pensamento de que estudar é importante.

E o que levou você a escolher Engenharia?

Eu entrei no Etapa pensando em fazer Engenharia Aeronáutica no ITA, porque achava que com essa formação seria mais fácil virar astronauta. Era o que eu queria. Mas, durante o Ensino Médio, na Feira de Profissões do colégio, conversando com as pessoas, achei que não era exatamente esse o meu caminho. Na USP existe o curso de Ciências Moleculares. Se você entrar em algum curso da USP, depois eles chamam os melhores colocados para esse curso. Achei fantástico, fiquei com muita vontade de fazer Ciências Moleculares. Pensava: “Quem sabe não vou virar cientista?” Com essa ideia, decidi que ia prestar Fuvest para algum curso da área de Exatas.

Como chegou à Engenharia Química?

Eu sou parte da geração que quer fazer algo de que gosta, que tenha sentido para você. Engenharia veio pela vontade de saber como as coisas funcionam na vida real. E a Química porque eu me envolvi bastante por conta das

olimpíadas. Estive envolvida com a Olimpíada de Química logo que entrei no Etapa.

Você teve bom desempenho nas olimpíadas de que participou?

Fui premiada na Olimpíada Brasileira de Química e na Olimpíada de São Paulo.

No Etapa, você participava de outras atividades extra-aula?

Eu fazia questão de participar de todas as atividades. Ia a muitas palestras. Toquei algumas vezes nas gincanas. Fiz bastante esporte e participei de competições de handebol e vôlei.

Você se sente satisfeita com a carreira que escolheu?

Bastante satisfeita. Fiz essa escolha como forma de ampliar meus horizontes e foi o que aconteceu.

Como foi seu início na Poli?

Não foi fácil, mas em um semestre eu me adaptei. A USP é um ambiente muito legal, é uma experiência de vida, enriquece bastante. Para mim foi uma experiência bacana. Lá não tem as coisas tão arrumadas como no Etapa, que tem uma superestrutura, com todo mundo focado nos alunos. Na faculdade você precisa estudar de forma independente.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Química

1
ARTIGO

A arte medieval e a arte renascentista

5
ESPECIAL

Saem as primeiras aprovações internacionais 2017

8
CONTO

Gaetaninho – Antônio de Alcântara Machado

4

Como se desenvolve o curso de Engenharia Química na Poli?

Funciona assim: você entra na Grande Área Química e no fim do Biênio, de acordo com suas notas, escolhe uma habilitação. Eu estava em dúvida entre Engenharia Química e Engenharia de Petróleo. Mas Engenharia Química na Poli tem um fator que para mim foi decisivo: a partir do 3º ano o curso é quadrimestral. São dois quadrimestres de aulas e um de estágio. Eu sempre pensei que o curso tinha de ter uma vantagem prática e em Engenharia Química você se forma com uma carga de trabalho de período integral.

O que você estudou em cada ano do curso de Engenharia Química?

Hoje em dia está diferente, mas eu tive no 1º e no 2º ano os quatro cálculos, quatro álgebras lineares e quatro físicas. A parte de Engenharia Química começa um pouco no 2º ano e é forte do 3º ao 5º ano. No 3º ano você tem os fundamentos da Engenharia Química. Do 3º ano em diante tem Termodinâmica, que é uma mistura de Física com Química. No 5º ano tem algumas matérias que são mais ligadas a projetos. E tem o TCC. Em linhas gerais, no 1º e no 2º ano tem a base. No 3º ano e até a metade do 4º tem os fundamentos da Engenharia Química. No 5º ano tem mais a parte de projetos.

Qual foi o tema do seu TCC?

Foi uma comparação de impacto ambiental entre carvão vegetal e carvão mineral. Uma análise do ciclo de vida. É uma técnica bem conhecida, você avalia o impacto ambiental de um ciclo inteiro e prova por A mais B que o carvão vegetal é ecologicamente mais sustentável e o carvão mineral é economicamente mais viável.

Além das aulas, de quais atividades você participou na USP?

Desde o 1º ano eu fiz aulas de alemão na Poli. Voltei a jogar handebol, fiz esportes em geral. Eu me envolvi bastante com o Centro Acadêmico, inclusive no meu 3º ano coordenei um evento de Engenharia Química com gente de outros estados. Na época eu fazia também trabalho voluntário na "favela" São Remo, que fica atrás do campus da Cidade Universitária. Trabalhava com crianças. Foi uma forma que encontrei de contribuir. Também fiz Iniciação Científica no 2º ano – trabalhando com uma pós-graduanda no programa de reatores.

Você estudava alemão pensando em fazer intercâmbio?

Sim. Os intercâmbios fortes são na Alemanha, França e Itália. Eu sentia mais afinidade com a Alemanha.

Seu primeiro estágio começou quando?

Comecei no final do 3º ano. Foi em consultoria estratégica, numa consultoria alemã. Fui a primeira da minha turma a conseguir estágio. Na Poli as pessoas estagiam nos últimos anos e na época tinha só uma empresa de consultoria estratégica contratando gente do 3º ano, a Roland Berger. Fiz o processo seletivo, um processo difícil, e passei.

Por que consultoria?

O consultor tem uma porta mais aberta para conversar dentro da empresa e juntar as melhores ideias e melhores soluções. Eu gosto muito porque envolve trabalho analítico. Você aprende a pensar com restrições, recursos limitados, onde a gente quer chegar, o que precisa, que perguntas tem que fazer para chegar a uma determinada resposta. Você começa a adquirir outras habilidades, que são habilidades genéricas, aprende a usar melhor o raciocínio. Na consultoria estratégica eu trabalhei em projetos de diferentes setores: farmacêutico, vestuário, seguros, energia. Aprendi a ter versatilidade e a ver como funciona o mundo dos negócios. Entrei como estagiária e saí como analista.

Quanto tempo levou o processo para ser aprovada no intercâmbio?

Demorou em torno de quatro meses. Eu estava procurando um intercâmbio para o final desse período de estágio. Pesquisei opções de intercâmbio em que também poderia trabalhar, fazer aqueles trabalhos de férias. Fui aprovada no começo de 2011.

Você teve alguma bolsa para o intercâmbio?

Não. Meus pais estavam levando muito a sério que eu ia fazer um intercâmbio desses e disseram: "Você vai para o intercâmbio pela Poli, aqui tem uma quantia". Era basicamente o valor do meu carro. Pensei: "Depois que eu voltar vou conseguir um estágio e pago". Para mim era como se fosse um empréstimo.

Onde você fez o intercâmbio?

Na Technischen Universität Berlin (Universidade Técnica de Berlim). Antes do intercâmbio eu fiquei sabendo de um curso de verão de Engenharia Química que era em Berlim. *Summer school*, como chamam. Por coincidência era na mesma universidade para a qual eu ia. Fiz esse curso de verão com bolsa.

No intercâmbio, o que você estudou?

Eu podia fazer todas as matérias de Engenharia Química e outras matérias. Foi aí que comecei a estudar uma matéria de Gerenciamento e Estratégias.

Eram aulas em inglês ou em alemão?

As aulas eram em inglês e alemão. Eu tinha muita dificuldade em algumas aulas, porque o alemão que você aprende na sala de aula é diferente do dia a dia. Eu tinha que ficar traduzindo os slides antes para aprender o vocabulário e na aula saber do que se tratava.

Você procurou um intercâmbio que lhe permitiria trabalhar. O que conseguiu?

Logo depois do curso de verão eu precisei arrumar um estágio, mas não sabia falar alemão o suficiente para trabalhar, não me sentia confortável. Fui conversar com o serviço de estágios da universidade e eles me disseram para procurar um grupo internacional, Rocket, incubador de *startups*, que estava contratando. Lá, conheci uma menina que tinha morado no Brasil quando pequena e sabia falar um pouco

de português. Ela me disse que tinha vaga. O grupo tinha duas grandes centrais, uma em Chicago, que cuidava dos Estados Unidos e do Canadá, e outra em Berlim, que cuidava do resto do mundo. Eles estavam procurando alguém que falasse e escrevesse em português e conhecesse São Paulo. Eu disse: "Sou eu!" Entrei logo no começo do meu intercâmbio e trabalhei durante dez meses.

O que você fez nesse trabalho?

Eu cuidava do conteúdo do site, ou seja, do alemão e do inglês para português. Fazia atualizações do formato do site.

Além do curso de férias, do intercâmbio e do estágio, você fez outras coisas na Alemanha?

Uma coisa bacana que fiz na Alemanha foi participar de um congresso da Mckinsey.

Você conheceu a Mckinsey na Alemanha?

Isso. Fiquei sabendo pelos veteranos da Roland Berger desse evento, que seria em Paris, com 100 mulheres que eles recrutavam em toda a Europa e no norte da África. Eu ainda não sabia o que era a Mckinsey. Na Poli, o pessoal de Engenharia de Produção conhece bastante, eles estão muito mais por dentro na parte do mercado financeiro. Eu, de Engenharia Química, não tinha noção. Tinha que mandar seu currículo e uma redação em inglês sobre por que achava que podia ser parte do evento. Eu fui uma das selecionadas. Era um momento de recrutamento, o objetivo era conhecer a Mckinsey. Nós ficamos em um castelo privado no subúrbio de Paris, teve palestras geniais com líderes, uma delas tinha sido astronauta e ministra da França.

Esse evento era só para 100 mulheres?

Isso. Eles mandaram uma gerente da Mckinsey do Brasil, que hoje é uma das minhas mentoras. Uma coincidência enorme: ela era da Poli, da Engenharia Química, e tinha trabalhado na Roland Berger. Quando terminei o intercâmbio eu tinha certeza de que queria trabalhar na Mckinsey.

Quando voltou para o Brasil, você estava em que ano?

Eu estava no final do 4º ano.

Como foi o processo para entrar no estágio na Mckinsey?

O processo da empresa era muito competitivo e eu não tinha nenhuma vantagem. Nesse mesmo tempo eu estava tentando um estágio de verão da Shell aqui no Brasil. Eu queria fazer alguma coisa na área da Engenharia Química. O que aconteceu foi que passei nos dois estágios, na Mckinsey e na Shell.

Você fez os dois estágios?

O estágio de verão da Shell durava oito semanas, trabalhando 30 horas por semana, mas eu podia também trabalhar 40 horas por semana. Meu curso quadrimestral permite trabalhar 40 horas no estágio. E a Mckinsey começava só em fevereiro. O que eu fiz: negocieei com a Poli para assinar os

dois contratos e deu certo. Também negocieei com a Shell, em vez de trabalhar 30 horas semanais por oito semanas, eu podia fazer 40 horas por seis semanas. Minhas aulas terminaram no meio de dezembro, em uma sexta-feira. No sábado eu estava no Rio, porque a empresa era lá. Só voltei para o Natal e passei janeiro quase inteiro para completar as seis semanas. Voltei em uma quarta-feira e na quinta-feira comecei na Mckinsey.

Você fez o estágio na Mckinsey e foi efetivada?

Isso, continuei como analista.

Qual foi seu trabalho na Mckinsey?

Na Mckinsey eu fiz diversos projetos. Por exemplo, trabalhei com produtor de açúcar [fiz um otimizador para integrar a produção de ponta a ponta, da colheita até ação logística de exportação] e com empresa instaladora de telefones. Nessa, eu entrei fazendo uma implementação para mais de cinco mil técnicos em sete estados. Aumentou muito a produtividade, a situação financeira da empresa, os funcionários ficaram mais unidos, porque quem trabalha direito ganha mais. Na Mckinsey eu tive oportunidade de ir para fora também. Passei cinco meses na Austrália, onde trabalhei com mineração, e quatro meses na China, fazendo workshops para encontrar reduções de custos em uma indústria de componentes eletrônicos.

Na Austrália, onde você ficou?

Fiquei no interior, na região norte de Queensland. É quase no deserto lá. Não tenho *expertise* de mineração, mas fiz projetos de transformação. Na mineração você tem os passos, por exemplo, você tem que usar os explosivos para balançar a primeira parte do solo e depois tem que remover essa parte até chegar no carvão. Fizemos um simulador para ajudar nessa questão. Foi bem legal.

O que você vem fazendo desde que se formou na Poli em 2013?

Eu fiquei na Mckinsey até março de 2016, quando tirei licença não remunerada e me mudei para o Chile, onde estou até hoje e trabalho na Latin American Power – LAP. Fui para ajudar no processo de venda da empresa. Estamos procurando um comprador e eu ajudo mais na parte da contabilidade e controladoria com os consultores financeiros. Vou ficar até concluir a venda, que deve ser feita até o segundo trimestre deste ano. Depois pretendo fazer MBA. A Mckinsey vai patrocinar meu MBA no exterior. É uma oportunidade muito bacana porque complementa a minha formação de engenheira.

Quais as recordações que ficaram do Etapa?

Eu lembro muito das aulas, foram bem marcantes. Lembro da participação nas olimpíadas que fizeram diferença para mim. Fiz bons amigos aqui, havia uma cultura de colaboração e as pessoas se ajudavam. Saí do Etapa com a noção do mais de você em você mesmo.